

Entre o sagrado e o profano: a *imago mundi* em A Relíquia

Profa. Ms. Ubiracy Alberto Macieira Cintra

Resumo:

O texto se refere a uma breve comparação entre a narração do julgamento de Cristo em A Relíquia, que acontece através de um sonho e a narração da Bíblia, quando o narrador do romance se encontra com a fé verdadeira.

Palavras-chave: Relíquia, sonho, Teodorico, Bíblia.

Introdução

Esta comunicação se refere a uma breve comparação entre o sonho do narrador d'A *Relíquia*, Teodorico, com a condenação de Cristo e a passagem que se encontra na Bíblia. Conforme perceberemos existem diferenças entre as duas passagens, tanto quanto ao espaço profano que se transforma em espaço sagrado, como quanto ao discurso, que se trava a partir do texto bíblico com o próprio narrador.

N'A *Relíquia* de Eça de Queirós, Teodorico, durante sua estada em Jerusalém, sonha que está na Via Sacra e guiado por Topsius, um historiador e companheiro de viagem, presencia o julgamento e condenação de Cristo.

“Havia certamente duas horas que assim dormia, denso e estirado no catre, quando me pareceu que uma claridade trêmula, como a duma tocha fumegante, penetrava na tenda – e através dela uma voz me chamava, lamentosa e dolente(...)” (QUEIRÓS, Eça, p.153)

É neste espaço “profano” que se inicia o sonho de Teodorico, passando, então para um espaço sagrado. O que consideraremos aqui para profano e sagrado será a conceituação de Mircea Eliade, em *O sagrado e o Profano*. Para o autor, a diferença entre a experiência de um espaço sagrado e um espaço profano é que no espaço sagrado podemos obter um “ponto fixo”, “*possibilitando, portanto, a orientação na homogeneidade caótica, ‘a fundação do mundo’, o viver real.*” (ELIADE, Mircea, p.27) O espaço profano enquanto experiência de mundo, ao contrário, “*mantém a homogeneidade e, portanto a relatividade do espaço*”. Isto quer dizer que dentro do espaço profano, existe uma orientação conhecida, e que no espaço sagrado, enquanto estatuto ontológico único, o “ponto fixo” não oferece orientação verdadeira, e que este desaparece e aparece segundo necessidades diárias de cada ser. Além disso, no espaço sagrado não há mundo, e sim fragmentos de um universo fragmentado, uma massa amorfa infinita de lugares neutros onde o homem se move. Como exemplo, podemos citar os lugares que guardamos na alma, como uma viagem que fizemos na infância, a casa materna de cada um de nós, ou outros ainda. Todos esses locais são sagrados para nós, e fazem parte de um universo privado, como se em cada um deles tivéssemos a sensação da revelação de uma outra realidade, diferente da do nosso cotidiano, mesmo que não sejamos por essência seres religiosos.

É sob este aspecto que iremos tratar as diferenças e similaridades entre a descrição dos fatos ocorridos na morte de Jesus Cristo, considerando a narração bíblica e a narração de Teodorico d'A Relíquia.

1. O espaço do sonho de Teodorico

O espaço em que o sonho de Teodorico acontece, é a cidade de Jerusalém, , mas não a Jerusalém da época da narração d'A Relíquia, e sim a Jerusalém da época de Cristo. O narrador se encontra em Jerusalém, só que em uma época diferente, a sua época, e transporta-se para o tempo de Jesus através do sonho. Jerusalém é um santuário cristão, tanto na época de Cristo, quanto na nossa, seja por ser um marco religioso para hebreus, cristãos ou muçumanos, é considerado um templo sagrado desde tempos imemoráveis.

E, enquanto espaço sagrado, Jerusalém, como cidade ou o santuário, revela-se como espaço sagrado e tem um valor existencial para o homem religioso, pois a porta que se abre para o interior da igreja significa uma continuidade da existência, um limiar que separa o espaço sagrado do espaço profano. Visto que nosso mundo é um Cosmos, que está sempre ameaçado de se transformar em Caos, buscamos o sagrado, a fim de mantermos o equilíbrio. Assim, o Templo é por excelência o mundo ressanificado na sua totalidade, como nos diria Mircea Eliade em *O sagrado e o profano*, “é a idéia de que a santidade do Templo está ao abrigo de toda a corrupção terrestre” é onde ficamos mais próximos do céu, onde gozamos de uma existência espiritual, incorruptível, celeste. (ELIADE, Mircea, p. 56) E para o narrador d'A Relíquia Jerusalém é um templo à própria religião (assim como para nós), não apenas uma cidade, mas o local sagrado do cristianismo.

Sua chegada à cidade, no dia da prisão de Cristo pelos romanos, enche seus olhos, encanta-o:

“O Sol banhava-a, suntuosamente! Uma severa, altiva muralha, guarnecida de torres novas, com portas onde as catarias se entremeavam de labores de ouro, erguia-se sobre a ribanceira escarpada do Cedron, já seco pelos calores de Nizam, e ia correndo, cingindo Sião, para o lado de Hinnon e até aos cerros de Garebe.”(QUEIRÓS, Eça, p. 164)

A cidade de Jerusalém foi criada por Deus desde tempos anteriores ao da Bíblia, uma cidade celeste criada por Deus e, portanto *in aeternum*. Por isso mesmo, a cidade podia ser maculada pelo homem, mas o seu modelo era incorruptível porque não estava implicada no Tempo mundano, e sim no Tempo dos Deuses. Se de um lado a cidade de Jerusalém tem sua forma enquanto sagrada, de outro, tem também a forma profana, pois ela existe enquanto ponto de desnível, projeta um ponto fixo no meio da fluidez amorfa do espaço profano, um Centro no Caos que produz uma ruptura entre os níveis cósmicos: entre o Céu e a Terra.

Sendo que é no espaço “profano” que se inicia o sonho de Teodorico, a cidade de Jerusalém de seu tempo, este espaço possibilita “a orientação na homogeneidade caótica, ‘a fundação do mundo’, o viver real.” (ELIADE, Mircea, p.27) E, como espaço profano, enquanto experiência de mundo, “mantém a homogeneidade e, portanto a relatividade do espaço”. Isto quer dizer que dentro do espaço profano, existe uma orientação conhecida, e que no espaço sagrado, enquanto estatuto ontológico único, o “ponto fixo” não oferece orientação verdadeira, e que este desaparece e aparece segundo necessidades diárias de cada ser. Além disso, no espaço sagrado não há mundo, e sim fragmentos de um universo fragmentado, uma massa amorfa infinita de lugares neutros onde o homem se move.

Assim, o espaço em que se inicia a narrativa do sonho de Teodorico Raposo, pode ser considerado profano, na medida em que faz parte do mundo conhecido dos homens civilizados. E, no mesmo instante o narrador se vê sendo levado pelas ruas de Jerusalém, mas não as ruas por onde

havia andado durante a sua estadia, sim as ruas do Tempo do Senhor, as ruas da Jerusalém da época do julgamento de Cristo. E, por se encontrar nessa Jerusalém, transferiu-se, por assim dizer, para o espaço sagrado, aquele dos tempos bíblicos.

Devemos aqui lembrar que, para Mircea Eliade, “*todo espaço sagrado implica uma hierofania, uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um território do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente.*” (ELIADE, Mircea, p. 30) E o espaço sagrado se manifesta através de sinais portadores de significação religiosa que introduz um elemento absoluto e põe fim à confusão interna de Raposo. Assim, o narrador é conduzido ao dia mais importante do Cristianismo, o julgamento e crucificação de Cristo.

“– D. Raposo! Esta aurora que vai nascer, e em pouco tocar os cimos do Hebron, é a de 15 do mês de Nizam; e não houve em toda a história de Israel, desde que as tribos voltaram de Babilônia, nem haverá, até que Tito venha por o último cerco ao Templo, um dia mais interessante.” (QUEIRÓS, Eça, p. 154)

Aqui o sinal para a entrada no espaço sagrado se dá a partir das palavras de Topsius e do sonho que manifesta o ponto de apoio ao narrador: a construção e reconstrução de um espaço onde o narrador reencontrará sua fé.

O mundo que se funda na passagem da narrativa, é um mundo que transforma, então, o Caos em Cosmos, que revela o “Centro do Mundo”, a *imago mundi* cristã que é a cidade de Jerusalém.

Considerando ainda que todo homem é histórico e visto que só pode viver na sua própria contemporaneidade, o sonho passa a ser uma outra situação que se dá para além da condição histórica, pois o estado do sonho, ou de devaneio não são estados “históricos”, embora sejam tão importantes para a existência humana quanto a sua situação histórica. Aliás, o homem conhece vários ritmos temporais, não somente o tempo em que vive, mas aqueles que pertencem ao seu passado, bastando apenas uma música para despertar suas memórias. O ato de rezar também desencadeia a saída do tempo histórico “*e reintegra o presente eterno do amor e da religião*”, como nos diria Eliade em *Imagens e Símbolos*. E, à medida que o homem transcende ao seu próprio momento histórico e dá “*livre curso ao seu desejo de reviver os arquétipos ‘religiosos’, ele se realiza como ser integral, universal.*” (Eliade, p. 32)

Desta forma, a transposição espacial através do sonho, pode ser considerada como a busca do tempo sagrado e da fé que Teodorico nunca teve.

Nesta medida, o interdiscurso entre a Bíblia e o romance *A Relíquia* acontece dentro do sonho, do estado de alma do narrador, e o faz reviver o Tempo de Cristo, o espaço sagrado de Jerusalém e os acontecimentos da época do julgamento do Redentor.

É neste momento que o narrador se depara com seus remorsos e com a verdadeira paixão de Cristo, a paixão religiosa dos portugueses do século XIX, que sempre rejeitou. Se durante toda a sua vida a visão do Cristo crucificado havia sido um peso e cumprir os desígnios religiosos impostos por sua tia Patrocínio havia sido um desgaste, pois refreavam seu erotismo e sua vida social, a visão dos últimos dias do Salvador o leva para um novo encontro com Jesus, uma nova forma de sentir, perceber o que significa ser religioso. Ou seja, encontra um Jesus, como nos diria o próprio narrador: “*um homem que não era Jesus, nem Cristo, nem Messias – mas o moço de Galiléia, que cheio de um grande sonho, desce da sua aldeia para transfigurar todo um mundo e renovar todo um céu.*” (A Relíquia, p. 195)

Raposo se transforma durante o sonho naquele que “*era uma testemunha inédita da paixão. Tornava-me S. Teodorico Evangelista!*” (p. 190)

E como testemunha da paixão de Cristo, começa e sentir sua fé mais próxima, desejando ver Jesus Cristo, já que tinha a mesma oportunidade que S. Mateus e S. João que escreveram a Bíblia Sagrada tiveram,

“Era só empurrar aquela porta de cedro, atravessar o pátio onde gemia a mó do moinho doméstico, - e logo da rua, eu poderia ‘ver’, presente e corpóreo, o meu Senhor Jesus tão realmente e tão bem como o viram S. João e S. Mateus.” (p. 190)

Para estabelecermos melhor os pontos de contato e de distanciamento, cabe aqui elegermos algumas passagens bíblicas. Para efeito de comparação, escolhemos a passagem de São Marcos, a fim de estabelecermos contato entre uma narração e outra. Tentaremos mostrar que poucas vezes as “falas” bíblicas são transcritas como as encontramos no texto sagrado. No entanto, algumas estão postas tais quais as lemos. Estamos cientes de que existem outras passagens deste relato na Bíblia, assim como existem relatos da condenação e crucificação nos textos Apócrifos. Mas, em razão do tempo de que dispomos para esta comunicação, abreviaremos as transcrições referentes às comparações, utilizando apenas o Evangelho de S. Marcos.

Tal passagem traz o julgamento de Cristo da seguinte forma:

“E logo pela manhã, tendo conselho os príncipes dos sacerdotes com os anciãos, e os escribas, e com todo o conselho, fazendo amarrar a Jesus, o levaram e entregaram a Pilatos. E Pilatos lhe perguntou: Tu és o rei dos Judeus? E ele, respondendo, lhe disse: Tu o dizes. E o príncipe dos sacerdotes o acusava de muitas coisas.⁴ E Pilatos lhe perguntou outra vez, dizendo : Tu não respondes coisa alguma? Vê de quantos crimes te acusam. Mas Jesus não respondeu mais palavra, de sorte que Pilatos estava admirado.” (Mc 15, 4,5,6)

Já na narração d’A Relíquia, o trecho aparece assim:

“Debruçado de leve para o Rabbi, com as mãos abertas: que pareciam soltar, deixar cair todo o interesse por esse pleito ritual de sectários arguciosos, Pôncios¹ murmurou, enfasiado e incerto:

‘- És tu então o rei dos judeus?... Os da tua nação trazem-te aqui!... Que fizeste tu?... Onde é teu reino?’

O intérprete, enfatuado, perfilado junto ao sólio de mármore, repetiu muito alto estas coisas da antiga língua hebraica dos Livros Santos: e, como Rabbi permanecia silencioso, gritou-as na fala caldaica² que se usa em Galiléia.”

Bem, a passagem bíblica traz a linguagem que todos conhecemos, seja por sua tradução ou pelas avaliações feitas pelo Conselho de Nicéia, que escolheu textos que fariam parte da Bíblia Sagrada, como a conhecemos hoje. Já a passagem d’A Relíquia, traz termos como “Rabbi” e “fala caldaica”, palavras utilizadas na bíblia hebraica antes do Novo Testamento, que traduzidos originaram Jesus e fala aramaica, segundo o Dicionário Enciclopédico da Bíblia.

A passagem narrada por Teodorico traz também em seu discurso colocações conhecidas na Bíblia, como: “És tu o rei dos Judeus?”. (A Relíquia, p. 199)

E reconhecemos o texto bíblico, quando o narrador nos diz: “onde é teu reino?”, “Que fizeste tu?”, que se relaciona com a passagem bíblica: “Vê de quantos crimes te acusam?”

¹ Sublinhados nossos

² Sublinhados nossos

Além disso, há descrições do espaço em que o julgamento se dá, como por exemplo, o pretório.

“Num espaço ladrilhado de mosaico, em face do sôlio onde se erguia o assento curul do Pretor, sob a Loba Romana – Jesus estava de pé, com as mãos cruzadas e frouxamente ligadas por uma corda que rojava no chão.” (A Relíquia, p. 195)

O espaço ladrilhado, que na época do julgamento seria um espaço profano para os judeus, se transforma no espaço sagrado dos cristãos contemporâneos a Raposão. Aqui temos um espaço sagrado dentro do profano, sagrado enquanto espaço que pertence à Bíblia, profano enquanto espaço que não permite a entrada dos judeus, como aparece na narração do próprio narrador n'A Relíquia.

É neste espaço, que no momento em que é contado na narrativa já é sagrado, pois se relaciona com o espaço bíblico, que Raposão tem a visão tão desejada no início do sonho:

“Mas, oh rara surpresa da alma variável, não senti êxtase nem terror! Era como se de repente me tivessem fugido da memória longos, laboriosos séculos de História e Religião. Nem pensei que aquele homem seco e moreno fosse e Remidor da Humanidade... Achei-me inexplicavelmente anterior nos tempos.” (p. 194/195)

É como se o “lusitano bacharel e cristão”, como o próprio narrador se denomina, houvesse perdido sua individualidade, tornando-se um espectador da própria História Bíblica. Presença na *imago mundi* cristã, os acontecimentos que norteiam o crescimento da fé, que orientam a religião cristã. Verifica-se, assim, que a *imago mundi* é o Centro do universo que se repete no interior do narrador, o interior de um mundo habitado por pessoas que possivelmente existiram, e que no sonho de Teodorico se transformam em realidade. Teodorico se comunica, através do mundo do sonho, com um outro mundo, um lugar que não podia aceitar como parte da religião. Além disso, a visão de Cristo, aquele “homem que não era Jesus” e tão pouco o Messias, “apenas um moço da Galiléia”, torna-se conhecido, real.

Real, na medida em que se materializa na narrativa, uma história que de bíblica e simbólica para os cristãos passa pelo estado de inconsciência do narrador, e acaba se traduzindo como racional. Assim, o espaço sagrado, que é real na religião e pouco real para Raposão se desmistifica e se apresenta como o que para o mundo arcaico significava ser sagrado: “o mito é real porque ele relata as manifestações da verdadeira realidade: o sagrado”(Eliade, p. 37).

Outro aspecto bíblico do sonho na narrativa a se considerar é a flagelação. Raposão refere-se a ela da seguinte forma: “Não lhe ensangüentava a cabeça essa coroa inumana de espinhos, de que eu lera nos Evangelhos; tinha um turbante branco, feito duma longa faixa de linho enrolada, cujas pontas lhe pendiam de cada lado sobre os ombros; um cordel amarrava-lho por baixo da barba encaracolada e aguda.” (p. 196)

Devemos considerar aqui que há uma descrição bastante diferente daquela que conhecemos na Bíblia, que vem da seguinte forma: “E depois de fazer açoutar a Jesus, o entregou para que o crucificassem. E os soldados o levaram ao pátio do pretório, e ali convocam toda coorte. E o vestem de púrpura, e, tecendo uma coroa de espinhos, lhe põem na cabeça”.(Mc, 16,17)

A narração do flagelo de Cristo n'A Relíquia traz um Jesus simples, vestido de branco, sem a coroa de espinhos. Um Jesus mais próximo do homem que Teodorico desejava, um homem que permitisse a vivência espiritual por ser mais real, mais carnal. Sob este ponto de vista, temos uma descrição “profana” de um evento sagrado, revelando a necessidade de Raposo viver o mais próximo possível do Centro do Mundo, da *imago mundi* cristã. Assim, os espaços e as histórias são “pervertidas”, construindo uma paráfrase da narrativa bíblica.

A paráfrase bíblica, neste caso, serve como aspecto de dessacralização do espaço cristão. O templo judaico e sagrado dos tempos bíblicos se transforma num espaço viável, conhecido, vivenciado pelo narrador. E, definitivamente, é graças ao retorno ao templo judaico e bíblico que Jesus é ressanctificado. Pois para Mircea Eliade, o Templo se constitui uma *imago mundi*, “*porque o Mundo, como obra dos deuses, é sagrado. Mas a estrutura cosmológica do Templo permite uma nova valorização religiosa.*” (Eliade p. 57)

O narrador, através do sonho com o julgamento de Cristo, se coloca entre o sagrado e o profano, e de homem incrédulo passa a homem crédulo.

Assim, o homem “lusitano bacharel e cristão” assume uma característica religiosa também, pois passa a creditar em Cristo e assume a paixão pelo ser sagrado e bíblico. Ou seja, Teodorico vive a experiência do espaço e do Tempo sagrados, que permitirão ao homem religioso o encontro com o Cosmos tal qual no princípio, no instante mítico do julgamento do Redentor.